

O volume 1 do livro de Marco Antonio Coutinho Jorge, "Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, As Bases Conceituais", de saída nos apresenta uma escolha, que não é sem conseqüências para a transmissão da psicanálise. Primeiro porque subordina os fundamentos ao dialogismo estabelecido entre o pai da matéria e aquele que materializa o retorno ao pai. Depois porque, ao discutir de que matéria é feita o inconsciente freudiano e como se tem acesso ao mesmo, o autor introduz a perspectiva eminentemente clínica de Lacan, quando este propõe o "Retorno ao Sentido de Freud", privilegiando a escuta do discurso do analisando, ponto de onde se distanciava a psicanálise oficial dos anos 50, em especial aquela que ao atravessar o Atlântico, partindo da Europa, desembarca na América do Norte com o ego em alta.

O saber que se recolhe em psicanálise é um saber particular, é o saber verdadeiro, ou o saber em estado nascente do discurso do analisando. Não é o saber de Freud nem o de Lacan. A discussão sustentada pelo autor é relevante, mais ainda nos dias de hoje, quando nos defrontamos com a clínica contemporânea nos interrogando desde o real, isto é, desde aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar e não pode ser assimilado pelo sujeito em suas representações simbólico-imaginárias, manifestando uma

O afreudisiaco retorno às bases psicanalíticas

Resenha de Marco Antonio Coutinho Jorge, *Fundamentos de Psicanálise de Freud e Lacan: vol. I, As Bases Conceituais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000, 192 p.

vivência cujo teor excede a capacidade de representação psíquica.

Ao desfazer a idéia de um Lacan teórico, racionalista, intelectualista e evidenciar a perspectiva clínica daquele, Marco Antônio traz como interrogante, ao longo de todo o texto, aquilo que constitui o eixo central de sua reflexão e que remete à problemática do recalque orgânico, a saber, a relação intrínseca entre o recalque e a sexualidade. Por que a sexualidade constitui privilegiadamente o objeto do recalque? Esta questão movimentada pelo autor faz trabalhar a primeira e a segunda teoria pulsional em Freud – a partir do recalque e da *sublimação* – assim como a topologia lacaniana da tripartição real, simbólico, imaginário, tanto na comunicação de 1953 SIR¹, como na de 1974-75 RSI². Outro desdobramento não menos relevante diz respeito à questão lançada sobre o fato de o conceito de pulsão não ter sido assimilado e discutido em outros campos de saber.

No trabalho de tais questões o autor constrói o caráter primoroso e exegético do texto.

ao sustentar um dialogismo original entre clínica e teoria e entre psicanálise em intenção e psicanálise em extensão, desde os fundamentos (inconsciente, pulsão, transferência e repetição) que orientam o ensino de Lacan. Ao valorizar a experiência analítica enquanto única a proporcionar a um sujeito acesso a um maior espectro de suas formações do inconsciente, nos lembra que a escuta do sujeito em análise, chamada por Lacan de psicanálise em intenção, a rigor, é aquela cuja transmissão se dá de um a um.

Realçando o destaque que Freud observa na essência do recalque como sendo "manter algo à distância", o autor recorre a esta mesma essência do

recalque para falar do recalque orgânico que funda o humano. Quando a postura bípede é incorporada pelo homem, o olfato cede lugar à visão enquanto elemento primordial de atração sexual. Além de estabelecer nossa cultura estética em sua relação com as pulsões cropofílicas, o recalque sobre o olfato marca a radicalidade do humano enquanto pulsional, pois sua sexualidade não é mais cíclica, instintual e sim contínua. A pulsão, decalcada na função precípua da visão, é essencialmente escópica, o que confere ao olhar sua radical primazia na função das trocas sexuais. Os aparelhos dos sentidos e os órgãos da sexualidade, unidos em tempos passados, com o advento da postura bípede sofrem uma cisão. Nos mamíferos o aparelho olfativo desempenha um papel central enquanto elemento de atração dos elementos da mesma espécie nos diferentes ciclos reprodutivos. Essa argumentação sustenta o célebre aforismo freudiano, inspirado em Napoleão: "A anatomia é o destino", da qual se depreende a passagem do olfato à visão e, por conseqüência, do instinto à pulsão.

A desvalorização dos estímulos olfativos, o isolamento do período menstrual, a predominância dos estímulos visuais com os órgãos genitais visíveis e a excitação sexual contínua e não mais cíclica fundam o ciclo pulsional plurívoco com o advento da bipedia dos humanos. Na teoria freudiana das pulsões, a partir da experiência clínica de escuta dos pacientes

neuróticos, Freud observa a ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática, com disposição bissexual, isto é, a oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade presente para cada sujeito em sua escolha de objeto, e uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais.

No exame de diversas manifestações da cultura (cinema, artes plásticas, poesia) e de sua prática clínica, assim como coligindo citações e aforismos freudianos e lacanianos, Marco Antônio faz um périplo em torno do continente conceitual do inconsciente e da pulsão, revelando uma das mais depuradas faces do “afreudísíaco Lacan”, ao desdobrar um pensamento psicanalítico contemporâneo de notável estro inventivo.

Para maximizar a função precípua da visão, ressaltando os efeitos do recalque orgânico, articulando-a à teoria do narcisismo em Freud e ao estádio do espelho em Lacan, recorre a René Magritte em “A travessia difícil” – 1963, que retoma e depura outra tela de 1926 com o mesmo título, em que ilustra a prevalência do olhar sobre a espécie humana, no seu surrealismo minimalista. Na tela vê-se a figura de um homem, vestido de paletó e gravata diante de uma mureta à beira-mar,

durante uma tempestade. Ao largo ocorre um naufrágio. Atrás da mureta um bilboquet – um dos elementos constantes na iconografia magrittiana – como que fazendo sombra à figura do homem. A visão destaca-se dominando a cena, pois a cabeça do homem transforma-se num grande globo ocular, assim como seu corpo todo coberto, cuja vestimenta não deixa à mostra sequer uma parte. Quando a visão lança-nos todo corpo enquanto único sentido, estamos diante da ordem instituída do imaginário fazendo face à desordem do real. O imaginário, na análise do autor, constituído para o lado de cá da mureta, é como que uma defesa contra a devastação do real, representada pelo mar revolto e pelo barco que afunda. O infans, no estádio do espelho, momento inaugural de constituição do eu para Lacan, prefigura uma totalidade corporal a partir da percepção da própria imagem no espelho, acompanhada do assentimento do outro que a reconhece enquanto verdadeira, e antecipa-lhe um lugar.

“O eu é um outro”, formulação de Lacan em consonância com Arthur Rimbaud, desdobra-se na essência imaginária do eu, sede do desconhecimento crônico do desejo do sujeito, visto que na passagem da sensação de um corpo despedaçado para um corpo próprio, há uma indiferenciação entre seu corpo e o da mãe, o que lhe permite o acesso à dimensão do recalque das pulsões parciais, que não se ajustam com harmonia à imagem unitária do eu ideal

do narcisismo. A ilusão de totalidade configurada pelo eu está para sempre, desde aí, em constante confronto com a parcialidade da pulsão. Na alienação fundadora do eu que para se constituir se vale de uma imagem que não é ele, mas um outro, reside o aforismo “o eu é um outro”.

Enquanto registro da relação especular, dual, com seus logros e identificações, mas sobretudo com os desenvolvimentos finais de Lacan com o advento do sentido, o imaginário não pode se igualar à mera imaginação. O duplo sentido vem da ordem do simbólico, enquanto que o real, não podendo ser confundido com a realidade, é o não-senso radical, ou como diz Lacan “o sentido branco”. O registro do simbólico é aquele que permite ao falante mediatizar o encontro com o não-senso do real³.

Ao examinar a sexualidade infantil perverso-polimorfa em Freud, o autor nota que são os mesmos elementos dessa sexualidade infantil plurívoca encontrados positivados nas estruturas perversas e negativizados nas neuroses, dos quais extrai a observação da *onipresença dos processos pulsionais*, quer estejam manifestos na perversão, ou recalçados na neurose. Destacando o mais importante fundamento da concepção psicanalítica da sexuali-

dade da lição de 18.11.75 de Le Sinthome de Lacan⁴, em que as pulsões constituem “o eco no corpo do fato de que há um dizer”, Marco Antonio, a partir daí, explicita a relação entre linguagem e sexo, que encontrará seu desenvolvimento máximo em toda a parte II: “Inconsciente e Linguagem: o Simbólico”.

A dimensão da linguagem no homem, pela existência da autonomia do simbólico, parasita seu “ser vivo”, introduzindo nele um mais além da vida. Na sua relação com a pulsão de morte, a linguagem determina o ser falante mais além de sua condição de vivente, violando o “ser vivo” do homem, na medida em que o antecede e o ultrapassa.

Desde “Os quatro conceitos fundamentais”, ao introduzir um novo discernimento sobre o conceito de repetição nos dois aspectos diversos de *autômaton* e *tiquê*, Lacan evidencia a manifestação de articulação indissociável para o sujeito falante entre o simbólico e o real, entre o inconsciente e a pulsão. Sendo o *autômaton* vinculado ao simbólico e representando o retorno, a volta, a insistência dos signos, através dos quais o princípio de prazer comanda, enquanto a *tiquê* é aquilo que se situa mais-além desse automatismo. A partir deste discernimento da repetição, revelando o comparecimento, no simbólico, na linguagem, isto é, no inconsciente estruturado enquanto tal, daquilo que constitui o seu núcleo, a saber, o real, Marco Antonio expõe um ponto fundamental no subcapítulo “O inconsciente é

um saber". Desenvolve a idéia segundo a qual o inconsciente, esse saber que não se sabe, estruturado como uma linguagem, é um saber – simbólico, portanto – que tenta dar conta da falta de saber instintual, sendo esta falta o próprio núcleo real do inconsciente e da pulsão. Para fazer tal desenvolvimento, o autor articula os cânones do inconsciente em Freud (*A Interpretação de Sonhos, Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana e "Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente"*), aos cânones da lingüística (Curso de Lingüística Geral de Ferdinand de Saussure e *Lingüística e Comunicação* de Roman Jakobson), de cuja fonte Lacan se nutriu para, com a linguagem, revitalizar a psicanálise. O autor nos lembra que Freud, ao citar Cromwell, já observara que, quando não sabemos aonde vamos, vamos muito mais longe... É pelo equívoco, isto é, pela pluralidade de sentido que se favorece a passagem do inconsciente ao discurso tornando-o consciente o inconsciente.

A questão central para Freud da "significação antitética das palavras primitivas", assim como a cabeça de Janus com suas duas faces voltadas para direções absolutamente opo-

tas, são trabalhadas ao longo do texto, mas ganham seu ponto alto de reflexão no capítulo III: "Freud e os pares antitéticos". O problema da significação antitética das palavras não se reduz à linguagem onírica, à ironia, às línguas antigas, mas encontra-se na utilização corrente de expressões como "fazer miséria" para expressar triunfo, ou em situações em que dizemos que alguém "destruiu" um instrumento ou o jogo, querendo designar sua extrema perícia. Na seqüência do exame do tema, o autor vai até o texto do *Umheimlich* para observar que tal condição não reside nas palavras, antigas, ou não, mas sim no sujeito, radicalmente dividido, que as profere e no objeto faltoso que sustenta a operação, exemplarmente demonstrada na ironia, que pode produzir significação antitética em toda e qualquer palavra.

O objeto *a*, objeto faltoso, objeto causa do desejo, no Seminário XI de Lacan está em consonância com a definição de Freud em "Pulsões e suas vicissitudes" de objeto indiferente, dado que para o primeiro, o objeto *a* é "apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa qual objeto, e cuja circunstância só conhecemos na forma de objeto perdido"⁵. Tal concepção resgata a premissa da elaboração freudiana de sexualidade em cujo cerne figura uma falta de objeto, pois ele se

encontra perdido desde sempre. No Seminário SRI, embora o objeto *a* se situe na região de interseção entre real, simbólico e imaginário do nó borromeano – de tal forma que ele participa simultaneamente dos três registros constituintes da estrutura, como também representa o lugar, a rigor inapreensível, do próprio nó que amarra a estrutura borromeamente – o que o configura enquanto tal é o seu estatuto de real, que lhe confere sua ex-sistência. Demonstra-se aí o empenho de Lacan em recuperar a nomeação dada por Freud, *das Ding*, a Coisa. Nesse trecho, mais uma vez, o autor recorre à linguagem coloquial para nos lembrar que ela utiliza nome de animais, muitas vezes repulsivos, para designar os genitais masculinos (cobra, pinto) e femininos (barata, aranha) suscitando uma dimensão, inerente ao sexo, de Coisa real, que escapa ao simbólico humano. Ao diferenciar o impossível do real do proibido do simbólico, portanto *das Ding*, de objeto materno e destacando a essência de desvio da sublimação, dado que esta vicissitude

pulsional apresenta uma resolução de sua tensão interna desviada do alvo sexual, o autor aponta o verdadeiro estatuto da pulsão, de *Trieb* e não de *Instinkt*, conferido pela sublimação, posto que ela se organiza em torno do impossível, e não do proibido.

Inconsciente e pulsão resultam os fundamentos mais trabalhados neste volume, fazendo-nos aguardar por desenvolvimentos mais elaborados para o próximo, sobre repetição e transferência. Um acontecimento editorial digno de nota, expresso também pelo fato de a primeira edição ter-se esgotado em quatro meses.

NOTAS

1. J. Lacan, *O simbólico, o imaginário e o real*, seminário inédito.
2. J. Lacan, RSI, seminário inédito.
3. Sintetizando a tripartição estrutural, observamos o seguinte: Real: não senso (! da realidade) não para de não se escrever; ex-siste Simbólico: duplo sentido para de não se escrever; insiste Imaginário: sentido (! da imaginação) não para de se escrever; consiste.
4. J. Lacan, *Le Sinthome*, seminário inédito.
5. J. Lacan, *SIR*, seminário inédito.

Fátima Milnitzky é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.